

Alfabetização de pessoas jovens e adultas e idosas: como alfabetizar letrando?

Literacy of Young People, Adults, and the Elderly: How to Teach Reading and Writing through Literacy Practices?

Layane Barbosa dos Santos¹

Fundação Visconde de Cairu, Salvador – BA, Brasil

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar como alfabetizar letrando no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando os conceitos, as origens e as práticas relacionadas à alfabetização e ao letramento. Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, realizada com quatro professoras atuantes na EJA. Por meio do diálogo com autores especializados e da análise dos dados, a pesquisa aponta para a necessidade de estratégias que integrem alfabetização e letramento de forma contextualizada, valorizando as vivências e os saberes dos sujeitos da EJA. Os resultados indicam que o processo de alfabetização letrada mostra-se mais eficaz quando centrado nas realidades dos alunos, promovendo não apenas o domínio da leitura e da escrita, mas também a participação crítica e transformadora na sociedade.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Educação de Jovens e Adultos; Prática docente.

Abstract: This paper aims to investigate how to promote literacy and letramento (literacy as social practice) within the context of Youth and Adult Education (EJA), taking into account the concepts, origins, and practices related to both literacy and letramento. It is a field research with a qualitative approach, conducted with four teachers working in EJA. Through dialogue with specialized authors and data analysis, the research highlights the need for strategies that integrate literacy and letramento in a contextualized manner, valuing the experiences and knowledge of EJA learners. The results indicate that the literacy process is more effective when it is centered on students' realities, fostering not only mastery of reading and writing but also critical and transformative participation in society.

Keywords: Literacy; Letramento; Youth and Adult Education; Teaching practice.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. Professora de educação infantil. E-mail: layanebarbosadossantos@gmail.com

Introdução

A educação escolar promove mudanças significativas na compreensão do mundo, melhora as condições sociais, econômicas e culturais dos indivíduos, fortalece a autoestima e favorece o pleno exercício da cidadania. Dessa forma, defende-se uma educação transformadora e emancipadora, capaz de possibilitar aos estudantes o desenvolvimento das habilidades e competências essenciais para o convívio social e para a participação ativa na sociedade.

Nessa perspectiva, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) oferece a oportunidade de estudo a jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso ou não concluíram as etapas da Educação Básica na faixa etária considerada adequada, devido a diversos fatores, como trabalho, problemas de saúde ou dificuldades econômicas. Assim, a EJA possibilita que essas pessoas retornem à escola, seja para se alfabetizarem ou para dar continuidade aos seus estudos.

De acordo com o Parecer CNE/CEB nº 11/2000, a Educação de Jovens e Adultos desempenha três funções principais: a Função Reparadora, que busca garantir a igualdade de direitos e o acesso à educação para todos os sujeitos, corrigindo desigualdades existentes; a Função Equalizadora, que visa promover a equidade ao reduzir as disparidades sociais e econômicas por meio da educação; e a Função Qualificadora, que tem como objetivo assegurar a formação dos estudantes para que possam enfrentar os desafios do mundo contemporâneo (Brasil, 2000).

Assim, a EJA se consolidou como uma modalidade de ensino fundamental para garantir o acesso à educação escolar a jovens, adultos e idosos que, por diferentes motivos, não conseguiram acessar ou concluir seus estudos na faixa etária considerada adequada. Possibilita que essas pessoas desenvolvam competências e habilidades, como leitura e escrita, essenciais para o fortalecimento da autonomia, permitindo que se tornem agentes de transformação social e possam exercer plenamente sua cidadania.

Ante o exposto, o interesse pela temática surgiu da experiência vivenciada durante o estágio supervisionado em EJA, em que desenvolvemos oficinas com um grupo de pessoas idosas, com o objetivo de torná-las mais autônomas e independentes no uso básico de celulares. Durante os encontros, ficou claro que estávamos trabalhando na perspectiva do letramento digital, o que nos levou a refletir

sobre a importância de alfabetizar letrando. Como estudante de pedagogia, senti a necessidade de aprofundar meus estudos sobre essa abordagem, que não se limita apenas ao ensino da leitura e escrita convencional, mas também incorpora as habilidades necessárias para a vida moderna. Com isso, este estudo tem como questão-problema: Como alfabetizar letrando na EJA?

Assim, como ação para buscar a resposta à questão de pesquisa mencionada, estabeleceu-se como objetivo deste estudo: analisar de que maneira é possível alfabetizar letrando na Educação de Jovens e Adultos. Este objetivo visa compreender os processos e métodos que podem ser aplicados para integrar o letramento ao ensino da alfabetização, levando em consideração as especificidades e as necessidades dos estudantes da EJA, a fim de promover uma educação mais significativa e que prepare os alunos para os desafios da vida cotidiana e do mundo contemporâneo.

Trata-se de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, realizada com quatro professoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em escolas no estado da Bahia, cujos nomes foram mantidos em sigilo, a fim de preservar a identidade das participantes. Para isso, foram utilizados nomes fictícios ao longo do estudo. As professoras responderam um questionário composto por sete perguntas abertas, elaboradas com o objetivo de identificar, compreender e analisar as técnicas pedagógicas adotadas em sala de aula, bem como as estratégias utilizadas para alfabetizar letrando de forma contextualizada e significativa para os alunos.

A educação de pessoas jovens, adultas e idosas no Brasil

A educação é um direito fundamental consagrado pela Constituição Brasileira, sendo a alfabetização a base necessária para o exercício de outros direitos. Saber ler e escrever é, portanto, uma garantia essencial, e cabe ao Estado assegurar que esse direito seja efetivamente cumprido. Nessa direção, a EJA, conforme o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), destina-se àqueles que não tiveram acesso ou continuidade aos estudos na idade apropriada, constituindo-se em um instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida (Brasil, 1996).

O artigo 37 estabelece, ainda, que os sistemas de ensino devem garantir, de forma gratuita, oportunidades educacionais adequadas para jovens e adultos que não concluíram seus estudos na faixa etária regular, levando em consideração as

características dos alunos, seus interesses, bem como suas condições de vida e de trabalho, por meio de cursos e exames. Também prevê que o Poder Público deve viabilizar e incentivar o acesso e a permanência desses sujeitos na escola, por meio de ações integradas e complementares (Brasil, 1996).

Contudo, a oferta de educação à população no Brasil ainda representa um grande desafio, apesar dos avanços alcançados nas últimas décadas. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseados no Censo de 2022, existem 11,4 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não alfabetizadas no Brasil, o que representa 7% da população total (IBGE, 2022). Embora o Brasil ainda esteja distante de alcançar os índices de outros países, o próprio IBGE destaca uma redução no índice de pessoas não alfabetizadas no país, uma vez que, em 2010, essa taxa era de 9,6% (IBGE, 2022). Esse avanço aponta para uma melhoria no cenário educacional, mas é importante ressaltar que ainda há um longo caminho a ser percorrido, especialmente no que diz respeito ao financiamento da educação.

Segundo Haddad e Siqueira (2015, p. 2), o analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil é persistente, tem causas históricas e reflete problemas estruturais não superados. Trata-se, portanto, de uma violação do direito humano à educação. Nessa perspectiva, Freire (1981) amplia a compreensão do processo de alfabetização ao afirmar que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, destacando que essa leitura não é neutra, mas parte da transformação consciente da realidade.

Assim, alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, mas proporcionar aos sujeitos o entendimento crítico de sua existência e de suas possibilidades de transformação social. O índice de pessoas não alfabetizadas entre jovens, adultos e idosos no Brasil é, de fato, uma questão persistente, que reflete não apenas desafios educacionais, mas também profundas desigualdades estruturais e históricas. Embora o país tenha implementado diversas políticas públicas ao longo dos anos com o objetivo de erradicar o índice de pessoas não alfabetizadas, a eficácia dessas iniciativas tem sido limitada, em grande parte devido a problemas mais amplos, como a desigualdade social, a pobreza, a falta de acesso a uma educação de qualidade e a escassez de recursos destinados a áreas mais vulneráveis.

Segundo Corte (2016), no início da década de 1940, mais de 50% da população brasileira era considerada iletrada, ou seja, metade da população não dominava os

códigos da escrita e não sabia ler nem escrever. Nesse contexto, durante o processo de desenvolvimento industrial, havia uma grande carência de mão de obra qualificada. Assim, em 1942, foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), com o objetivo de direcionar a educação de adultos para a formação profissional. Os alunos ingressavam nos cursos cientes das funções que desempenhariam após a conclusão. Além do SENAI, em 1942, foi regulamentado o Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP). Já em 1947, foram criados o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP), o Serviço de Educação de Adultos e a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

Essas iniciativas, como se pode perceber, não apenas buscavam suprir a demanda por trabalhadores qualificados, mas também impulsionar a educação, refletindo uma tentativa de modernização do país. Ao reconhecer a necessidade de qualificação da população para o desenvolvimento industrial, o governo brasileiro procurou integrar a educação à transformação econômica e social, direcionando o Brasil para um caminho de modernização e expansão tanto industrial quanto educacional. Contudo, esse processo enfrentou desafios persistentes, especialmente no que diz respeito à inclusão social, à democratização do ensino e à erradicação dos índices de pessoas jovens, adultas e idosas não alfabetizadas.

Gadotti (2013, p, 26) traz uma visão sobre essa questão:

No meu entender, quando falamos de centralidade da questão da aprendizagem, queremos realçar a importância da aprendizagem, sobretudo num país como o Brasil, que se preocupou pouco com o direito do aluno aprender na escola. O direito à educação não se limita ao acesso. Mas, é verdade, a aprendizagem, na ótica neoliberal, realça apenas o chamado “conhecimento útil” e os aspectos individualistas e competitivos da aprendizagem.

Ou seja, os cuidados educacionais nessas escolas técnicas eram voltados à necessidade do país naquela época, e isso pode reduzir a educação a uma ferramenta para empregabilidade e competitividade, negligenciando seu papel de formação cidadã, emancipadora e coletiva.

Ainda segundo os estudos de Corte (2016), entre as décadas de 1980 e 1990, ocorreram mudanças significativas na idade mínima para ingresso na EJA, o que resultou no fenômeno denominado “juvenização”. Durante esse período, muitos

estudantes com idades entre 14 e 17 anos passaram a ingressar na EJA com o objetivo de acelerar sua trajetória escolar, cumprir metas curriculares e ingressar mais rapidamente no mercado de trabalho.

No entanto, os conteúdos trabalhados, conforme observa Corte (2016), nem sempre se mostraram atraentes ou adequados, o que comprometeu o engajamento dos estudantes. Essa situação evidencia a necessidade de uma adaptação curricular que considere as características, motivações e realidades dos alunos, garantindo que essa modalidade de ensino cumpra efetivamente sua missão de promover uma educação inclusiva e significativa. Além disso, configura-se como um desafio para as políticas públicas educacionais, que precisam equilibrar a flexibilização da oferta com a garantia de qualidade no ensino, assegurando que os conteúdos sejam relevantes e envolventes para os diversos perfis de estudantes da EJA.

Atualmente, entender como funciona a mente dos estudantes da EJA é essencial para que os professores desenvolvam sua prática pedagógica, de forma a potencializar a aprendizagem significativa. Nesse sentido, Corte (2016) realizou um levantamento dos perfis de alguns alunos e estabeleceu conexões com base nas faixas etárias de cada um. No caso dos idosos, é importante compreender que a maioria deles já não busca mais uma vaga no mercado de trabalho. Eles priorizam a autonomia na leitura e escrita, além da socialização. Já os adultos e jovens compartilham o objetivo comum de concluir a Educação Básica e acessar novas oportunidades de emprego, além de se especializar com o objetivo de aumentar o salário ou conquistar uma promoção.

Contudo, muitos professores ainda desenvolvem atividades utilizando metodologias voltadas ao público infantil, o que pode resultar em um retrocesso no ensino da EJA (Corte, 2016). Por isso, é essencial personalizar o ensino na sala de aula, levando em consideração o perfil e a realidade de cada estudante. Muitos enfrentam preconceitos ao saírem de casa, o que torna essa personalização um desafio, exigindo paciência e flexibilidade dos professores. Além disso, promover a união na sala de aula, integrando vivências e atividades, é fundamental para o processo de educação e socialização dos educandos da EJA.

Os sujeitos da EJA, é importante destacar, são pessoas de idades diversas, com necessidades e características próprias. Segundo Luciane Cristina Corte (2016), o perfil dos estudantes da EJA é marcado pela diversidade de faixas etárias, etnias,

gêneros e pela inclusão de pessoas com deficiência (PCD). No entanto, essa diversidade configura-se como um verdadeiro desafio para o educador.

Para Santos e Silva (2019) os sujeitos da EJA apresentam uma diversidade de campos de investigação, abrangendo desde questões legais até aspectos cognitivos, geracionais, de classe social, gênero, raça/etnia, entre outros. Essa diversidade aumenta a complexidade ao analisar cada sujeito de maneira única e personalizada, considerando suas particularidades. Nesse contexto, Santos, Pereira e Amorim (2018) defendem que o ensino da EJA deve ser voltado para a ampliação das capacidades cognitivas e profissionais dos alunos, com foco especial naqueles que, sendo trabalhadores, buscam especialização com fins profissionais.

Por outro lado, Lanzarin (2016) amplia a discussão ao abordar os idosos na EJA, destacando que para essa faixa etária, o retorno à escola é um desafio intergeracional, onde o processo de aprendizagem oferece novas escolhas, trocas e o fortalecimento do sentimento de pertencimento a um grupo distinto do familiar. Essa troca de experiências contribui para que o idoso conheça novas realidades, desmistificando medos e abrindo portas para novas possibilidades.

Os autores concordam que a EJA é um campo de ensino caracterizado pela diversidade, o que exige uma abordagem educacional que atenda às demandas e especificidades dos sujeitos por ela atendidos, considerando suas diferentes idades, necessidades e contextos. Enquanto Santos e Silva (2019) ressaltam que essa diversidade torna a análise mais complexa, Santos, Pereira e Amorim (2018) defendem que a EJA deve focar no desenvolvimento cognitivo e profissional dos estudantes, especialmente os que buscam qualificação. Lanzarin (2016) amplia a discussão ao destacar a EJA como uma ferramenta importante para a inclusão intergeracional, especialmente para os idosos, que, ao retornar à escola, não apenas adquirem novas competências, mas também vivenciam trocas que os conectam com novas realidades.

Assim, a EJA, ao abranger sujeitos com diferentes contextos e necessidades, exige um enfoque pedagógico inclusivo e transformador, promovendo o desenvolvimento social, cognitivo e profissional de cada educando. Esse enfoque permite que os alunos, independentemente de sua idade ou trajetória, possam superar barreiras educacionais e sociais, ampliando suas oportunidades e potencializando sua participação ativa na sociedade.

Alfabetização e letramento

Segundo Moratti (2004), em 1951, para que uma pessoa fosse considerada apta à leitura e à escrita, ela deveria ser capaz de redigir uma declaração simples sobre seu cotidiano e, posteriormente, ler o que havia escrito. Hoje, é considerado alfabetizado o indivíduo que consegue ler um bilhete simples em sua língua de domínio. Com isso, voltando o olhar para as pessoas jovens, adultas e idosas não alfabetizadas, surge o termo *letramento*, que define o processo de educação e ensino básico dessas pessoas (Moratti, 2004). Esse conceito tem como característica a implementação de técnicas modernas de ensino, que complementam a alfabetização tradicional, tornando o aprendizado mais flexível, pois os métodos podem variar de acordo com a idade do público, ao contrário do método tradicional, que impõe um conteúdo homogêneo para todos.

O conceito de letramento, segundo a pesquisadora Magda Soares (1988; 2003), vai além do simples domínio da leitura e da escrita. Para ela, letramento é o uso social da escrita em diferentes contextos e situações. Isso implica não apenas saber decodificar e compreender o código escrito, mas também ser capaz de utilizá-lo de forma funcional e significativa em diversas práticas sociais. A autora destaca ainda que o letramento envolve a capacidade de interpretar e produzir textos dentro de uma sociedade letrada, ou seja, uma sociedade que organiza suas interações por meio da linguagem escrita. O letramento, portanto, está ligado à prática social da leitura e da escrita, e não apenas ao aprendizado mecânico de como ler e escrever.

Soares (1988; 2003) também reflete sobre as diferenças entre alfabetização e letramento, sendo a alfabetização a aprendizagem das normas e regras da escrita e leitura, enquanto o letramento é a prática desses conhecimentos de forma crítica e participativa no cotidiano. Os conceitos de alfabetização e letramento, segundo ela, eles “se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem” (Soares, 2003, p. 03). Essa confusão ocorre principalmente devido à interpretação das mídias e da política, que distorcem os conceitos.

Ainda segundo Soares (1998; 2003), na prática, o letramento pode ser compreendido como uma forma mais avançada de alfabetização, que envolve o uso de mecanismos de ensino mais sofisticados. Enquanto o termo alfabetizar se refere à ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, o letramento diz respeito ao estado ou

condição de quem, além de saber ler e escrever, desenvolve e exerce as práticas sociais que utilizam a escrita.

Como alfabetizar letrando na EJA

A EJA apresenta desafios e especificidades que demandam abordagens diferenciadas. No contexto dessa modalidade de ensino, o conceito de “letramento”, como visto, vai além da simples decodificação de palavras, envolvendo a capacidade de compreender, interpretar e utilizar a escrita de maneira crítica e significativa no cotidiano. Assim, alfabetizar letrando na EJA significa não apenas ensinar a ler e escrever, mas também proporcionar ao aluno o acesso a práticas sociais de leitura e escrita, inserindo-o ativamente no mundo letrado. Essa abordagem busca valorizar a experiência de vida do educando, relacionando os conteúdos à sua realidade, e promovendo uma aprendizagem contextualizada, significativa e transformadora.

No atual cenário, temos uma turma de idades variadas onde a missão é utilizar o letramento para educar esse os sujeitos da EJA, de modo que todos compreendam os conteúdos estudados. No entanto, como observa Rojo (2010, p. 22):

[...] o que temos no Brasil é um problema com os letramentos do alunado e não com sua alfabetização. E nenhum método de alfabetização – fônico ou global – pode dar jeito nisso, mas, sim, eventos escolares de letramento que provoquem a inserção do alunado em práticas letradas contemporâneas e, com isso, desenvolvam as competências/capacidades de leitura e escrita requeridas na atualidade.

O problema, portanto, não está na capacidade de ler e escrever, mas na maneira como esses estudantes se relacionam com a leitura e a escrita em contextos sociais mais amplos, muitas vezes distantes das práticas escolares tradicionais. A autora também aborda, em seu trabalho, a dificuldade do letramento escolar em acompanhar a evolução dos tempos. Nas instituições de ensino público, esse problema se agrava, uma vez que o letramento escolar permanece estagnado, preso a práticas tradicionais. Apesar do surgimento de novos métodos de letramento, muitos deles não são aceitos nem pelas escolas, nem pela imprensa (Rojo, 2010).

Albuquerque, Moraes e Ferreira (2010) reforçam que, para alfabetizar de forma a letrar, é essencial ampliar as estratégias de leitura e o conhecimento letrado dos

educandos, integrando elementos do cotidiano e práticas diárias em sala de aula. Isso implica não só ensinar a ler e escrever, mas também a utilizar a leitura e a escrita de maneira significativa no cotidiano dos alunos. A menção ao "cotidiano" e às "práticas diárias em sala de aula" sugere que a alfabetização deve ser dinâmica e contextualizada, permitindo que os alunos vejam a utilidade da leitura e escrita em suas vidas, ao invés de apenas realizar exercícios isolados ou teóricos. Em outras palavras, a inclusão de práticas cotidianas ajuda a criar um ambiente de aprendizagem mais conectado com as necessidades reais dos alunos, proporcionando uma educação mais completa e eficaz.

Para Soares (2003, p. 11):

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade. É preciso, a esta altura, deixar claro que defender a especificidade do processo de alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento [...].

Por isso, muitos autores acabam utilizando o termo letramento em seus textos por conta dessa questão, mas é necessário destacar a importância da alfabetização, entendendo que o letramento pode ser uma alfabetização melhorada. Ambos existem no cotidiano educacional e podem coexistir.

Albuquerque, Moraes e Ferreira (2010) levantam alguns questionamentos importantes, como, por exemplo, o que os professores estão abordando em sala de aula e qual o material pedagógico que está sendo disponibilizado aos alunos. Nessa mesma direção, Soares (1998) já se perguntava: "como alfabetizar letrando?". Em 2003, a autora publica um novo livro, no qual, ao final, descreve quatro passos para alfabetizar letrando.

O primeiro passo consiste em reconhecer a alfabetização como um processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita. O segundo passo envolve imergir esse sistema no letramento, utilizando-o em parceria com as práticas sociais, considerando a idade e o interesse do aluno, que podem incluir, por exemplo, redes sociais, jornais ou livros. O terceiro passo é reconhecer que tanto a alfabetização quanto o letramento são fundamentais e inseparáveis. Por fim, o quarto passo destaca

a importância da formação dos professores das primeiras séries do ensino fundamental, que precisam ter suas formações reformuladas dentro do conceito de alfabetizar letrando (Soares, 2003).

Percepção de professores da EJA sobre o alfabetizar letrando

Compreender a percepção dos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre o processo de alfabetizar letrando é fundamental para analisar como as práticas pedagógicas são concebidas e aplicadas no cotidiano escolar. A forma como os docentes interpretam e integram os conceitos de alfabetização e letramento reflete diretamente na escolha de métodos, estratégias e abordagens que buscam atender às especificidades desse público. Assim, investigar essas percepções possibilita identificar desafios, potencialidades e caminhos para promover uma educação mais significativa, contextualizada e transformadora para jovens e adultos em processo de escolarização.

Nesse sentido, ao serem questionadas sobre como definem o processo de alfabetizar letrando na EJA, as professoras participantes da pesquisa responderam:

É um desafio, que exige esforço diário por nossa parte. É realizar um ensino diferenciado e personalizado ao que considere as necessidades e a vivência de cada aluno. Tentamos trabalhar na EJA com uma linguagem mais contextualizada, sempre trazendo para a sua realidade. Temos que ter sensibilidade, escuta ativa e valorizar o que cada aluno traz consigo, tendo assim uma aprendizagem mais significativa e emancipadora. (Maria, entrevista, 2025)

Eu acredito numa educação igualitária. Alfabetizar pessoas adultas que não tiveram chance de estudos por diversos motivos, é como ser o agente transformador desse(a) cidadão(ã). É um processo lento que exige paciência e resiliência. (Joana, entrevista, 2025)

Alfabetizar letrando, para mim, é muito mais do que ensinar a decodificar letras. É possibilitar que o aluno compreenda o mundo em que vive por meio da palavra. Na EJA, isso significa respeitar a trajetória de cada um, trazer a realidade deles para a sala de aula e mostrar que leitura e escrita são ferramentas de transformação social. É ensinar a ler o mundo antes mesmo de ler o texto, como dizia Paulo Freire. (Carla, entrevista, 2025)

É um processo desafiador, que exige alguns esforços e dedicação por parte do alfabetizador, trazer metodologias. (Marta, entrevista, 2025)

As falas das professoras revelam uma compreensão sensível e coerente do processo de alfabetizar letrando na EJA, ressaltando aspectos como o desafio da prática docente, a necessidade de metodologias contextualizadas e a valorização das experiências dos educandos.

A fala de Carla sintetiza bem a concepção de Paulo Freire (1981), ao afirmar que “é ensinar a ler o mundo antes mesmo de ler o texto”. Isso reflete a perspectiva do autor de que a alfabetização deve ser um ato de conscientização e transformação, no qual o educando se reconhece como sujeito do seu próprio processo de aprendizagem e da realidade em que vive. Essa visão está presente também na fala de Joana, ao descrever o educador como um agente transformador.

Já Maria e Marta destacam a importância de metodologias diferenciadas e do respeito às vivências individuais, o que dialoga com Magda Soares (2003), que defende que o letramento envolve não apenas o domínio técnico da leitura e da escrita, mas a inserção dos sujeitos em práticas sociais significativas. Assim, alfabetizar letrando na EJA é mais do que ensinar a ler palavras – é promover uma educação que respeite os saberes dos alunos e os prepare para o exercício pleno da cidadania.

Sobre quais características dos educandos da EJA influenciam o processo de alfabetização e letramento, como suas experiências de vida e contexto socioeconômico, responderam:

Além da bagagem que cada um carrega, é importante entender o principal motivo do aluno estar ali naquele momento, e focar em auxiliá-lo a alcançar esse objetivo, mostrando que ele pode ir além. Temos que colocar na balança também, que muito deles vem de uma vida sofrida, de lutas e batalhas, vem de bairros periféricos, onde é colocado a sua vida em risco diariamente. Muitos faltam e o relato é realmente esse, de que ocorreu alguma morte, alguma informação de toque de recolhida. (Maria, entrevista, 2025)

Na minha época enquanto docente, eu trabalhei em uma escola rural e muitos dos alunos eram provenientes do trabalho no campo. Muitos queriam apenas aprender a escrever o nome, mas à medida que compreendiam as letras e a formação das palavras eles começavam a se encantar com aprendizagem. Contudo, poucos permaneciam desestimulados pela dificuldade e pela aceitação de seu papel social, serem um eterno trabalhador rural. (Joana, entrevista, 2025)

Nossos alunos são marcados por muitas lutas: jornadas de trabalho duras, responsabilidade com a família desde muito cedo, experiências

de racismo, pobreza, exclusão. Mas essas vivências também trazem uma sabedoria que a escola precisa valorizar. Quando reconhecemos que cada aluno tem uma história potente, o processo de aprender ganha outro sentido. Eles não chegam vazios; eles trazem o mundo com eles. (Carla, entrevista, 2025)

O contexto social os quais vivem, grande parte mora em comunidades periféricas, onde muitas vezes a cultura do letramento não chega como prioridade neste local, outro fator o tempo distante da escola. (Marta, entrevista, 2025)

As respostas das professoras revelam uma percepção clara e sensível das múltiplas dimensões que envolvem o processo de alfabetização e letramento na EJA, especialmente no que diz respeito às experiências de vida, contexto social e desigualdades estruturais enfrentadas pelos educandos.

A fala de Carla é especialmente significativa ao afirmar que os alunos “não chegam vazios; eles trazem o mundo com eles”. Essa perspectiva está diretamente alinhada com Paulo Freire (1981), que defende que a leitura da palavra está sempre precedida pela leitura do mundo. Para o autor, o processo de alfabetização precisa partir da realidade concreta dos educandos, reconhecendo seus saberes e histórias como ponto de partida para a construção do conhecimento.

Já Maria e Marta enfatizam o impacto das condições socioeconômicas, da violência e da exclusão no processo educacional. Isso remete ao que Corte (2016) discute sobre os obstáculos enfrentados pelos sujeitos da EJA, que muitas vezes vêm de contextos marcados por precariedade, o que exige da escola uma postura mais acolhedora e adaptada à sua realidade. A evasão, a insegurança e o tempo afastado da escola são elementos que interferem diretamente na continuidade da aprendizagem.

Joana também destaca um ponto importante ao abordar o papel social internalizado por muitos alunos, especialmente os trabalhadores rurais. Sua fala sugere que há um processo de desvalorização pessoal e baixa autoestima que precisa ser enfrentado. Essa observação reforça o que Freire (1981) chamava de “consciência ingênua”, que deve ser superada por meio da educação crítica, capaz de promover a autonomia e a transformação social.

Quando questionadas sobre como os educadores podem adaptar suas metodologias para atender aos diferentes ritmos e experiências de aprendizagem dos educandos da EJA no processo de alfabetização e letramento, responderam:

Uma boa forma de adaptação seria misturando a turma em grupos, de forma que todos possam compartilhar experiências da sua idade. Depois pedir para que cada um coloque na roda a sua experiência como uma música em comum, dentre outros. Esse tipo de atividade, além de estimular a oralidade e a escrita, cria um ambiente acolhedor e significativo para a aprendizagem. Em uma das minhas experiências em sala, fiquei surpresa com os relatos: embora muitas vezes imaginemos que os alunos mais velhos tenham mais vivência, percebi que os mais jovens também carregam experiências marcantes e profundas, muitas das quais eu mesma não havia vivenciado. (Maria, entrevista, 2025)

Através de muitos estudos e aperfeiçoamento. Cada turma é um desafio e cada desafio sempre vai exigir mais de você. O maior desafio nosso (na minha época) era enfrentar as dificuldades que tínhamos em manter os educandos na sala. Era um verdadeira luta social. (Joana, entrevista, 2025)

A primeira coisa é ouvir. A escuta é a base. Depois, adaptar o conteúdo para a realidade dos estudantes: usar músicas que eles escutam, histórias que fazem parte de suas vivências, trazer notícias do bairro, textos que falem da luta do povo preto, da mulher trabalhadora. Eu costumo usar muito a poesia de Conceição Evaristo, os relatos de Carolina Maria de Jesus... porque eles se veem ali. A metodologia tem que ser flexível, afetiva e respeitosa. (Carla, entrevista, 2025)

Conhecer o contexto do aluno é importante para construir o plano de alfabetização, trazer textos do seu cotidiano, palavras conhecidas e dinâmicas em grupo. (Marta, entrevista, 2025)

As respostas destacam a importância de metodologias flexíveis e contextualizadas na EJA, baseadas na escuta ativa e na valorização das vivências dos alunos. Carla e Maria apontam para o uso de músicas, relatos pessoais e textos próximos da realidade dos educandos — o que dialoga com Magda Soares (2003) ao defender que alfabetizar letrando é inserir o aluno em práticas sociais reais de leitura e escrita. A ênfase na escuta e na construção coletiva do conhecimento também se aproxima da proposta de Paulo Freire (1981), que defende uma educação dialógica e libertadora. Conhecer o contexto do aluno, como ressaltado por Marta e Joana, é essencial para garantir um ensino significativo, capaz de respeitar os diferentes ritmos e promover uma aprendizagem mais humana e transformadora.

Em relação as quais estratégias pedagógicas são mais eficazes para promover a alfabetização e o letramento dos educandos da EJA, além da simples aprendizagem da leitura e escrita, responderam:

Seria uma abordagem mais construtiva, no qual o aluno teria participação direta em sala de aula. Eu utilizei bastante esse método e consegui a atenção até dos menos interessados. Mas temos que ter cuidado com a escolha dessa estratégia construtivista, para não está muito infantilizada, porque ao invés de trazê-los para perto, estaríamos afastando-os. (Maria, entrevista, 2025)

O método freiriano para mim foi o mais eficaz principalmente pela demanda de alunos que eu tinha. Era muito fácil utilizar o seu próprio meio de subsistência e moradia como um objeto de aprendizagem. Aprender a escrever o nome dos produtos que eles cultivavam no campo foi um desafio estimulador. (Joana, entrevista, 2025)

Trabalhar com projetos, rodas de conversa, escrita coletiva, leitura compartilhada, produção de textos a partir da experiência deles. O uso de literatura negra, por exemplo, é uma estratégia poderosa, porque traz identificação e empoderamento. A oralidade também é uma ferramenta muito rica — muitos alunos são exímios contadores de histórias. Transformar essas narrativas em textos é uma forma linda de ensinar. (Carla, entrevista, 2025)

Atividades em grupos, onde um pode ajudar o outro, dinâmicas que deixe o aluno a vontade para aprender. (Marta, entrevista, 2025)

As falas indicam que estratégias participativas e contextualizadas são mais eficazes para alfabetizar letrando na EJA. O uso de projetos, rodas de conversa, textos autorais e temáticas culturais – como destaca Carla – está alinhado à proposta de Magda Soares (2003), que defende práticas de letramento que façam sentido na vida dos educandos. Joana e Maria apontam para a eficácia do método freiriano, que, segundo Paulo Freire (1981), parte da realidade do aluno como ponto de partida para a aprendizagem. Estratégias construtivistas e colaborativas, quando bem adaptadas ao perfil da turma, promovem engajamento, autonomia e valorização das experiências de cada sujeito.

Sobre quais recursos culturais ou comunitários podem ser utilizados para tornar o processo de alfabetização e letramento mais significativo para os educandos da EJA, responderam:

A realização de visitas a espaços públicos, onde a cultura histórica se mostra viva, fazendo com que o aluno volte ao tempo e vivencie aquele momento. sendo que muitos deles nunca tiveram essa experiência de estarem em lugares históricos da sua localidade. (Maria, entrevista, 2025)

A meu ver, o estímulo tem de partir do educador com uma metodologia ativa e capaz de seduzir o aluno com o intuito de mantê-lo em uma aprendizagem criativa. (Joana, entrevista, 2025)

O território é uma sala de aula viva. Podemos usar músicas de artistas locais, visitas a terreiros, saraus da comunidade, conversas com lideranças de movimentos negros, quilombolas, associações de bairro. A cultura negra, principalmente, oferece um repertório imenso: samba, capoeira, literatura de cordel, a oralidade ancestral. Tudo isso conecta o aluno ao conhecimento de forma afetiva e significativa. (Carla, entrevista, 2025)

Recursos visuais como: slides, imagens locais, para que a turma possa construir textos a partir do conhecimento popular. (Marta, entrevista, 2025)

As respostas evidenciam a importância de integrar a cultura local e os recursos comunitários ao processo de alfabetização e letramento na EJA. Carla e Maria propõem como o samba, a oralidade e os saberes da comunidade, o que reforça o que Corte (2016) destaca sobre a necessidade de adaptar o currículo à realidade sociocultural dos educandos, respeitando seus contextos de vida. Além disso, o uso de elementos como imagens, músicas e vivências dialoga com Rojo (2010), que defende a inserção dos alunos em práticas letradas contemporâneas e diversas, indo além do texto escolar tradicional. A valorização da cultura local e da identidade coletiva contribui para um letramento mais engajado, afetivo e significativo para os sujeitos da EJA.

Quando questionada sobre quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos educandos da EJA no processo de alfabetização e letramento, e como os professores podem ajudá-los a superá-las, responderam:

A maior dificuldade é a aquisição de recursos para implementação e uma aula mais estruturada. Muitas vezes precisamos improvisar, e as coisas acabam não saindo como previsto. (Maria, entrevista, 2025)

Talvez a maior dificuldade dos alunos é manter a aprendizagem e não desistir no primeiro momento de dificuldade. Nós temos que utilizar todas as alternativas possíveis para manter esse aluno na sala de aula. Reforçando para eles a importância do conhecimento e fazendo-os acreditar que conhecimento é poder. (Joana, entrevista, 2025)

A maior dificuldade é a autoestima abalada. Muitos chegam com vergonha, se sentindo incapazes. A sociedade os fez acreditarem que já “passou da hora” de aprender. Nosso papel é acolher, reforçar que nunca é tarde e que cada conquista é uma vitória. Também há

dificuldades materiais: falta de tempo, de transporte, de alimentação adequada. O professor precisa ser sensível a essas barreiras e lutar junto com eles por condições dignas de aprender. (Carla, entrevista, 2025)

O cansaço do dia a dia, muitos trabalham em tempo integral, a insegurança por ter muito tempo fora da escola, esse quesito é o que mais afeta. (Marta, entrevista, 2025)

As respostas revelam que as dificuldades dos educandos da EJA vão além do pedagógico, envolvendo fatores emocionais, sociais e estruturais. Carla e Joana destacam a baixa autoestima e o medo de fracassar, o que está de acordo com Gadotti (2013), ao afirmar que muitos adultos chegam à escola marcados por histórias de exclusão e desvalorização, exigindo uma postura acolhedora e motivadora por parte dos educadores. Já Maria e Marta apontam para questões como falta de recursos, cansaço e precariedade das condições de vida, elementos que Corte (2016) reconhece como obstáculos reais à permanência e ao sucesso na EJA. Nesse contexto, o professor atua não apenas como mediador do conhecimento, mas como um aliado na superação das barreiras que ainda dificultam o direito à educação para jovens e adultos.

Sobre exemplos de boas práticas ou experiências bem-sucedidas na EJA que tiveram impacto significativo no processo de alfabetização e letramento dos educandos, responderam:

Sim, em muitas de minhas aulas, aquele aluno que possui maior domínio no assunto, eu o coloco em destaque, e até mesmo atribuo a este algumas funções participativas na aula. Isso acaba despertando o interesse em outros alunos, que irão se esforçar igualmente para obter os mesmos resultados. Dessa forma eu consigo equiparar a turma. (Maria, entrevista, 2025)

Em uma de nossas atividades lúdicas e ao mesmo tempo uma atividade real, realizamos uma feira com os produtos, alguns cultivados em seus próprios terrenos, onde eles colocaram placas com o nome dos produtos e os valores de venda. Esse projeto foi aberto a comunidade local que também era incentivada a leitura dos produtos. E então de simples alunos, passavam também a serem professores ensinando a sua própria comunidade o que tinham aprendido nas aulas. (Joana, entrevista, 2025)

Uma experiência que me marcou foi quando trabalhamos o livro Quarto de Despejo, da Carolina Maria de Jesus. Muitos alunos se emocionaram, se identificaram. Fizemos leituras em voz alta,

produções de diário inspiradas na obra. Alguns escreveram, pela primeira vez, sobre sua própria realidade. A escrita virou libertação. Foi ali que percebi como a literatura negra pode abrir portas, curar feridas e acender o desejo de aprender. (Carla, entrevista, 2025)

Realizamos um projeto de cordel, a partir do contexto histórico de cada aluno, onde eles criam e escrevem a partir da linguagem informal. Fizemos a correção em sala e a turma acompanhou a evolução, em seguida compartilhamos a produção do cordel em forma de seminário. (Marta, entrevista, 2025)

As experiências relatadas mostram como práticas pedagógicas significativas podem transformar o processo de alfabetização na EJA. Projetos como feiras, cordéis e uso de literatura negra promovem engajamento, expressão pessoal e pertencimento. Essas estratégias refletem o que Albuquerque, Moraes e Ferreira (2010) defendem: integrar o cotidiano e os saberes dos alunos às práticas de leitura e escrita amplia o sentido do aprender.

Rojo (2010) também reforça a importância de práticas letradas reais, que despertem o protagonismo dos estudantes. Ao assumir papéis ativos, como ensinar colegas ou produzir textos a partir da própria vivência, os educandos tornam-se sujeitos do próprio processo educativo, fortalecendo sua autoestima e seu vínculo com a aprendizagem.

Considerações finais

Através dos dados obtidos dos trabalhos aqui citados, é possível perceber que ainda temos um longo caminho a ser percorrido. O processo de alfabetizar letrando na EJA depende de vários fatores. Os principais fatores que pesam mais, seriam por ordem de importância: Quadro técnico da EJA, interação com o público e o cenário político (Corte, 2016). Quanto ao quadro de profissionais que atuam na EJA, esses deveriam receber um treinamento adequado. O conteúdo a ser aplicado poderia ser o mesmo, mas o profissional precisaria de métodos diferentes para passar esse conteúdo adiante. Vimos a pouco o passo a passo demonstrado (Soares, 2003). No entanto estamos falando de um público com idades variadas, e não em formação inicial, como sugerido pela autora, logo, teríamos que fazer a mesma intervenção, só que diretamente para o público EJA.

Mesmo com o quadro técnico apto para aplicação, e com o público devidamente perfilado, a questão financeira fica em evidência, pois a EJA é gratuita para o público, mas custa dinheiro para ser mantida, e é nessa parte que a política entra, pois apesar da verba ser garantida, ela não é bem administrada (Corte, 2016).

Avaliando as respostas das professoras entrevistadas, fica evidente de que aqui no estado da Bahia, mesmo com a limitação orçamentária, elas conseguiram transmitir um conhecimento de qualidade, utilizando ferramentas do cotidiano, mostrando que a criatividade do professor em sala é peça chave para o cumprimento do objetivo.

Em um cenário onde temos a verba, o quadro técnico capacitado e o público perfilado, é possível sim alfabetizar letrando, mas sabemos que ainda é uma realidade distante no ensino público regular.

Referências

ALBUQUERQUE, B. C. A.; MORAES, A. G.; FERREIRA, A. T. B. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, n. 9394. Diário Oficial da União, Brasília, dez. 1996. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 04 dez. 2024.

CORTE, L. C. **A mudança do perfil do público da EJA: desafios e perspectivas**. 2016. Dissertação (Mestrado em gestão e práticas educacionais) – Universidade 9 de julho, São Paulo, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 1. ed. São Paulo: Autores Associados – Cortez, 1981. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 15 maio 2025.

GADOTTI, M. **Educação de adultos como direito humano**. *EJA em Debate*, Florianópolis, ano 2, n. 2, p. 25–36, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1004>. Acesso em: 16 maio 2025.

HADDAD, S; SIQUEIRA, F. Analfabetismo entre Jovens e Adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Vitória, ES, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/81>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: Taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem.** Salvador, 2024. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Em%202022%2C%20havia%2C%20no%20pa%C3%ADs,%2C%25%20deste%20contingente%20populacional](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Em%202022%2C%20havia%2C%20no%20pa%C3%ADs,%2C%25%20deste%20contingente%20populacional.). Acesso em: 04 dez. 2024.

LANZARIN, J. **A terceira idade na EJA: o idoso e a tecnologia no ambiente escolar.** 2016. Dissertação (Mestrado Educação e Novas Tecnologias) — Centro Universitário Internacional (UNINTER), Curitiba, 2016.

MORATTI, M. R. **Educação e Letramento.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROJO, R. **Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando?** In: COLEÇÃO EXPLORANDO O ENSINO, LÍNGUA PORTUGUESA. v. 19, cap. 1. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

SANTOS, J. S; PEREIRA, M. V; AMORIN, A. Os sujeitos estudantes da EJA: Um Olhar Para as Diversidades. **Revista Internacional de educação de jovens e adultos**, v. 01, n. 01, p. 122-135, jan./jun. 2018.

SANTOS, P; SILVA, G. Os Sujeitos da EJA nas Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. **Educ. Real**, Porto Alegre, v.45, n. 2, p. 1-21, 2020.

SOARES, M. **O que é letramento e alfabetização.** Letramento, um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Letramento e Alfabetização: As muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt>